

SEMINÁRIOS TRIDENTINOS NO BRASIL: Escolas para a formação do clero.

João Virgílio Tagliavini¹

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

jvirgilio@linkway.com.br

RESUMO:

O objeto de pesquisa deste artigo é o modelo tridentino do seminário menor, uma instituição total, onde o espaço e o tempo são tidos como sagrados e a vida submete-se a uma relação hierárquica muito rígida. Num espaço isolado e bem regulamentado, sob a direção dos dirigentes, os garotos vão atravessar um longo túnel, com horários rigorosos, uma férrea disciplina, sofrendo as técnicas de condicionamento, até alcançarem o objetivo final da ordenação sacerdotal, ou saírem feridos no meio da caminhada. Em todo caso o seminário nunca mais sairá de dentro deles.

Palavras-chave: seminário tridentino, igreja católica, formação de padres, clero, instituição total.

BRAZILIAN'S TRIDENTINE SEMINARIES: Priesthood schools

ABSTRACT:

The object of this article is the tridentine model of the minor seminary, a total institution, where all space and time are considered sacred and where life is subjected to a very rigid hierarchic relationship. In a detached and regulated space, under the leader's direction, these boys are going to pass through a long tunnel, with the rigors of both time and discipline, suffering the behavioral techniques until they reach the final objective of the sacerdotal ordinance, unless wounded they withdraw throughout the process. But the seminary way of life will never abandon them.

Key-words: tridentine seminary, catholic church, priests formation, priesthood, total institution.

No dia em que começo a rever parte de minha dissertação de mestrado o povo católico se reúne no Campo de Marte, em São Paulo, para assistir à canonização de frei Antonio de Sant'Ana Galvão². Este e outros eventos promovidos em torno da visita de Bento XVI ao Brasil reavivaram um clima de efervescência religiosa, entendida no sentido durkeimiano. Quem quiser conhecer a sociedade brasileira não poderá desconhecer a presença da igreja católica, marcante e muitas vezes contraditória, desde o apoio aos anseios de libertação até a defesa da censura, presente nos grandes santuários, catedrais, tradicionais paróquias do centro e nas periféricas comunidades eclesiais de base, do cardeal metropolitano ao pároco de aldeia. Diante disso, é bem pertinente a questão: quem são os agentes profissionais da igreja católica no Brasil, de onde vêm? O que está por trás de sua postura e de seus discursos? Onde foram formados?

Desde o Concílio de Trento, o seminário foi o modelo mais utilizado pela igreja católica para formar os seus agentes. Se o processo de inculcação vocacional³ for coroadado

de êxito, o passo seguinte é o internamento, no seminário, do vocacionado, já predisposto a se submeter a todo o processo de condicionamento. No discurso religioso, *seguir em frente rumo ao sacerdócio* se traduz por *perseverança*, que se dá pela fiel correspondência à graça do chamado de Deus. No discurso sócio-psicológico, perseverança equivale ao êxito nos processos de inculcação e condicionamento.

Seminário é entendido neste artigo como uma casa de formação que recebe meninos de 10 a 11 anos de idade no mínimo⁴, mantendo-os em regime de internato. Uma condição para ser recebido no seminário é o desejo de ser padre. A esse desejo chama-se de *vocação* e os vocacionados são chamamos de *seminaristas*.

Os seminaristas vivem em regime de internato, afastados da família e do *mundo*, sob o cuidado dos superiores que cuidam de sua formação intelectual, moral e espiritual, com uma disciplina rígida, com intuito de formar seu caráter. Todas as horas do dia, seguem uma programação detalhada. Do despertar ao adormecer tudo está previsto no regulamento: orações, meditação, missa, refeições, aulas, recreios, esportes, estudos, trabalhos, tudo obedece a uma rotina, tudo feito em comunidade, sem precisar ultrapassar os muros do seminário. Em alguns seminários, parte das férias são coletivas, passando os seminaristas um breve tempo junto às próprias famílias, sob os olhares do vigário local, que deverá enviar carta de recomendação ao reitor do seminário no final de cada período de permanência dos seminaristas em sua paróquia.

Ao entrar para o seminário, aos dez anos de idade, o menino vocacionado, o seminarista, já é visto pelos seus superiores, pela sua família e pela comunidade como um padre em miniatura, o *padreco*, com os deveres do estado eclesiástico: formado para a obediência, o celibato e a dedicação exclusiva ao Reino de Deus.

Esse é o seminário segundo o modelo do Concílio de Trento, realizado no século XVI, cujos princípios vigoraram até o início da década de 1960, quando se realizou o Concílio Vaticano II. Os seminários tridentinos, porém, tiveram vida mais longa que os decretos de Trento, existindo até hoje, segundo o modelo antigo, ou com pequenas modificações, em muitas dioceses e congregações religiosas. O grande precursor desse modelo de formação do clero foi o Cardeal Reginaldo Pole, que propôs um extenso plano para criação de seminários nas dioceses, segundo o modelo dos santos espanhóis: Santo Tomas de Villanova, em Valença, e Santo Inácio de Loiola, em Roma, estabelecimentos que serviram de pauta aos padres tridentinos para a instauração e reforma dos seminários. O concílio de Trento, convocado pela primeira vez por Paulo III em 1536, que só se iniciou em 1545, tendo-se interrompido várias vezes, teve seus trabalhos concluídos sob o pontificado de Pio IV em 1563, com a aprovação do esquema geral *De Reformatione*, em 42 artigos, que pode ser considerado como a essência da reforma tridentina. Uma das resoluções importantes era sobre a formação do clero. Com o decreto *Cum adolescentium aetas* (15/07/1563), o Concílio obrigava os bispos a estabelecer seminários diocesanos. O Papa Pio IV, deu o primeiro exemplo, fundando em 1564 o seminário romano, cuja direção entregou aos jesuítas. Exemplo seguido logo por seu sobrinho, Carlos Borromeu, bispo de Milão, fundador e defensor dos seminários e propugnador da reforma do clero. Tal decreto encontrou dificuldades para ser observado por toda a igreja. Embora muitas dioceses italianas e espanholas já possuíssem o seu seminário antes do fim do século XVI, na França e em outras regiões a indiferença, a falta de professores, a inveja dos colégios tradicionais e outros fatores impunham obstáculos à sua implantação. Só nos séculos seguintes é que os seminários entrarão na práxis de toda a igreja. No Brasil, nos períodos da Colônia e do Império só podemos entender como se deu a formação do clero se considerarmos a instituição do padroado e o catolicismo tradicional. Embora houvesse alguns bons e tradicionais seminários nesses períodos, é a partir da proclamação da

república e da separação de igreja e estado que haverá expansão da organização eclesiástica com a criação de muitas dioceses e muitos seminários.

Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, descalça as sandálias; porque o lugar onde te encontras é uma terra sagrada (Êxodo, 3,5). O espaço e o tempo para o homem não é homogêneo. Neste artigo estudamos o espaço e o tempo nos seminários menores e os personagens que se movimentam nos seus espaços. Começamos pelos espaços. Diferentes espaços delimitam realidades diversas. Há o espaço do cotidiano, o espaço sem mistérios: é o espaço do mundo, o espaço profano. Mas há o espaço que provoca ruptura e lança o homem para o mistério. O Monte Sinai para Israel, o rio Ganges dos Indus, a Tenda dos Milagres na Bahia, a Basílica de Nossa Senhora Aparecida ou a capelinha na roça são lugares que quebram a monotonia do cotidiano caótico, do profano, e introduzem o homem no cosmos sagrado. Só o sagrado é capaz de dar sentido à existência e de ordenar a realidade caótica.

Para o homem religioso, o espaço é experimentado de maneira profunda. O devoto que percorre apressado as ruas agitadas do centro de São Paulo sente uma forte mudança ao entrar na igreja de São Francisco, no largo de mesmo nome. Da fumaça dos ônibus para as chamas das velas no interior da igreja há um grande abismo. A porta de entrada é o limiar de separação e do encontro dos dois mundos: o sagrado e o profano. O limiar das habitações humanas também vem carregado de rituais que mostram de maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço. Numerosos ritos acompanham a passagem do limiar doméstico; fazem-se-lhe reverências ou prosternações, tocam-no devotamente com a mão etc. O limiar tem os seus guardiões: deuses e espíritos que proíbem a entrada tanto aos adversários humanos como às potências demoníacas e pestilenciais. É no limiar que se oferecem sacrifícios às divindades guardiãs. A imagem de São Jorge, o nicho iluminado de Nossa Senhora Aparecida ou a ferradura guardam a porta de entrada de tantas moradas para atrair as bênçãos e a sorte e impedir a entrada do mal e do azar.

Essa introdução ajudará o leitor a entender melhor o aspecto *sagrado* de que se reveste o seminário cujo espaço vamos analisar. O seminário menor diocesano de São Carlos que serviu de base para a minha dissertação de mestrado⁵, pode ser assim descrito: na frente há um pequeno muro e um jardim com vias de acesso para a portaria. No saguão de entrada, São Pedro e São Paulo, em grandes imagens, dão as boas-vindas aos que chegam. À direita, uma sala de visitas com um piano. À esquerda, a reitoria. Caminhando em frente, encontra-se um grande corredor com três salas de aula à direita e três à esquerda. Em todas as salas e ambientes há um crucifixo e outras imagens sagradas a protegerem o lugar. Subindo uma escada, no saguão de entrada, chega-se ao corredor do primeiro andar, tendo três quartos e dois banheiros à direita e a secretaria, sala da biblioteca, duas salas de escritório, à esquerda, além de uma pequena escada que dá acesso ao terraço e à caixa d'água. É a ala dos padres.

Saindo dessa primeira ala, há duas alas idênticas para alojar os seminaristas *menores e maiores*⁶. À entrada dessas alas há dois quartos, geralmente ocupados pelos vigilantes ou ministros de disciplina. Em seguida, há o grande dormitório coletivo, protegido por uma imagem de Nossa Senhora e uma lâmpada-vigia, que podia abrigar cerca de 60 leitos, em quatro fileiras de 15 cada. Saindo do dormitório, há um pequeno corredor com uma sala de rouparia à direita e uma pequena enfermaria à esquerda. Esse pequeno corredor termina nos lavatórios que já fazem parte da outra ala, onde se encontra também um salão de estudos. Quem sai da ala dos maiores e passa pelo salão de estudos chega à ala dos menores.

Tendo o prédio uma forma de quadrado, no seu centro há um pátio que já abrigou tanques com peixes, gaiolas com passarinhos, pombas, coelhos soltos e outros bichos. Também já se transformou em jardim de rosas ou simples gramado.

Com o declive do terreno, forma-se um grande porão na parte posterior do prédio que sempre foi aproveitado para várias finalidades. Sob o salão de estudos há o refeitório e a cozinha, com saída para o pátio interno. Sob os alojamentos de menores e maiores há a sapataria, um depósito de velharia, há uma salinha de música e jogos, depósito de material de limpeza, material esportivo e doçaria.

Nos fundos da cozinha, no térreo, encontram-se a casa das freiras, aposentos de empregadas, lavanderia e um pequeno jardim. No pátio há um grande galpão coberto, com palco e alguns jogos de mesa: pingue-pongue, pé-bolim, bocha de mesa etc. Uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes ocupa um espaço logo atrás do galpão. No resto, campo de futebol, quadra poli-esportiva, pomar, horta, chiqueiro, galinheiro etc.

À entrada do seminário, à direita, está a Capela e à esquerda um outro prédio, construído em 1968 para abrigar o seminário maior. Não nos preocupamos em descrevê-lo com detalhes por não ser objetivo principal de nosso estudo. Trata-se de um prédio em forma de "L", com salas de aula, salão de palestras, banheiros, biblioteca e capela no térreo e trinta pequenos quartos individuais, quatro apartamentos para os padres dirigentes e mais três conjuntos de banheiros, tudo isso no 1º andar.

Nesse espaço de seis hectares, na solenidade desse casarão quase conventual, separado do mundo por altos muros e cuja monotonia diária era presidida pelo som estridente de um velho e nostálgico sino, que pertencera às locomotivas da antiga Companhia Paulista de Estrada de Ferro, se desenrolava a vida, a história, o drama de crianças e adolescentes que se acreditavam *os chamados, eleitos do Senhor* e por isso segregados, porque consagrados. A certeza da escolha diminuía a tristeza do confinamento.

Toda a sacralidade que envolve o seminário pode ser sentida logo no primeiro contato, embora isso, provavelmente, não seja percebido conscientemente pelo neo-seminarista. Alguns testemunhos revelam esse sentimento:

Fomos recebidos à noite por uma estação trepidante de gente, na Velha Mariana. Dormimos no Hotel Central. No dia seguinte, cedo, um carro nos levou para o seminário que, aliás, estava bem perto. Longo edifício colonial azul e branco, estendido nas fraldas de uma colina, gracioso em suas irregularidades, já povoado de jovens pequenos e grandes, que iam e vinham pelos pátios, todos vestidos de longas batinas pretas. Meu coração bateu de medo e alegria, quando atravessando os vetustos corredores de piso de laje...⁷

Maravilhado diante da grandiosidade e harmonia que reinavam no interior dos velhos, históricos e solenes prédios dos seminários, o garotinho já se sentia envolvido pelo peso da tradição que teria que respeitar, seguir e transmitir para outras gerações. Esse primeiro espanto entusiasmado iria se transformar, logo após os primeiros avisos, numa angustiante colisão com uma monotonia conventual. Sim, o seminário menor, para garotos de dez anos foi copiado dos conventos:

Os regulamentos dos seminários...têm padecido do mimetismo conventual e religioso. O próprio edifício era construído ao redor de um pátio, nostalgia do claustro dos conventos. O seminarista era equiparado ao noviço ou ao religioso. Os regulamentos disciplinares tinham por base as constituições das congregações religiosas...As férias eram consideradas péssimas, precisamente pela possibilidade de convivência com o ambiente do mundo. E, inclusive em

muitos detalhes externos, se notava a influência monacal (silêncio, cabelo cortado, proibido de se comunicar com o mundo exterior, pedidos de permissão a cada passo...)⁸

Além de conhecer vivencialmente o espaço do seminário, eu procurei me revestir dos sentimentos e expectativas do garotinho vocacionado e fui visitar alguns seminários menores. Relato aqui, três dessas experiências:

No dia 13 de novembro de 1987, incógnito, por conhecer os meios de burlar a constante vigilância, fiz uma visita ao Colégio São Manoel de Lavrinhas, Estado de São Paulo, que tivera oportunidade de conhecer, já em abril de 1975, quando eu estudava Teologia com os Salesianos no Alto da Lapa⁹, em São Paulo. O Colégio São Manoel é o seminário menor dos salesianos, ou *aspirantado* como eles chamam, e recebe garotos a partir de dez anos de idade, de 5^a a 8^a séries do 1º grau. Não foi uma visita qualquer, de turista curioso ou de benfeitor bem intencionado. Eu fiz um esforço de retorno ao passado e me imaginei garotinho vocacionado, entrando para o seminário. Ao atravessar uma antiga ponte sobre o Rio Paraíba, já sagrado pela imagem de Aparecida, fui recebido por uma cena bela, romântica e religiosa: no leito do rio, sobre um conjunto de pedras, uma imagem de Maria Auxiliadora me acolhia. Já me senti interpelado pela mãe de Deus, que dali por diante substituiria minha mãe, de quem eu já sentia saudades. Depois, vim a saber que ela deveria ser o único personagem feminino na minha afeição. Logo em seguida, às margens desse rio sinuoso, nas fraldas da serra, no portal do Colégio, uma cruz exorcizava os males do mundo e me purificava para entrar no átrio dos eleitos. Fui subindo por um belo jardim até chegar ao pátio onde, de um lado, há uma grande estátua de Dom Bosco, fundador da congregação salesiana e, aos fundos, na minha frente, imponente, bem no alto, entre o céu e a terra, Nossa Senhora de Lourdes na sua gruta com uma pequena queda d'água a lhe conferir extraordinária beleza e, à esquerda, uma majestosa igreja dedicada à mesma Auxiliadora, cujas imagens e vitrais lembram santos e mesmo garotos salesianos que viveram e morreram na virtude, como o menino Vanderley. Tudo isso a me envolver e a me colocar numa harmonia quase celestial. Voltei à terra quando vi crianças com ar de pequenos padres, com ferramentas nas mãos, cumprindo suas tarefas diárias, ou talvez semanais, de limpeza da casa e dos pátios, mergulhadas no sagrado, sem saberem e sem se darem conta de que estavam se iniciando, "livre e espontaneamente", num processo de condicionamento, sem retorno. Conversei rapidamente com alguns seminaristas, até que alguns assistentes (seminaristas maiores, estagiários, responsáveis pelos menores) e um chinês, padre Diretor, vieram me receber. Desconversei, como um curioso qualquer, e voltei "ao mundo..."

A outra rica experiência foi uma volta ao passado numa visita às históricas cidades de Minas, onde entrei em contato com os seminários de Mariana e o Colégio do Caraça. Mariana, cognominada *a católica*, de imediato envolve o visitante na atmosfera sagrada, pela multiplicação de belas e ricas igrejas. Partindo da antiga estação da Estrada de Ferro, caminhei até o Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Boa Morte¹⁰, imaginando-me no meio de um bando de meninos de terninho escuro, sapato preto, meia branca, malinha nas mãos, curiosidade no trajeto e muita expectativa no coração. Lá está, repetindo o Padre Lage, citado há pouco, *o longo edifício colonial azul e branco, estendido nas fraldas de uma colina*. A capela, à frente, dando boas vindas, longos corredores, grandes salas, o comprido dormitório, hoje em ruínas, e o pátio interno. Imaginei garotinhos de batina, em fila, caminhando de um lugar para outro, rezando terços e respondendo o *ora pro nobis* das ladainhas. *Miserere nobis!*, rezei. No isolamento daquele espaço, sob rígida disciplina, eles chegariam ao sacerdócio ou seriam os grandes

homens de Minas. Saindo dali, fui até ao Seminário Maior São José¹¹, não muito distante. Um belo portal e um grande jardim separam o lugar sagrado do mundo profano. Escadarias cravejadas de topázio nos levam ao prédio que esconde algumas obras de arte, admiradas pelos turistas¹². Nesse espaço, tão sagrado quanto o outro, até hoje¹³ os seminaristas da Arquidiocese de Mariana concluem os estudos eclesiais.

A experiência mais rica e mais forte, entretanto, foi a visita ao Colégio do Caraça, berço da formação de cerca de 500 sacerdotes.¹⁴ Saindo de Barão dos Cocais, passando pela vila do Brumado, chegamos ao pé da serra e, atravessando o rio do Caraça, logo entramos nas terras pertencentes aos padres da Congregação da Missão, conhecidos como Lazaristas. Antes de começar a subida da serra, à direita, ao longe, está o grande edifício colonial do Seminário da Fazenda do Engenho, lugar de férias coletivas dos seminaristas e celeiro do Caraça de outros tempos. Começa a subida da serra, hoje de carro por estrada asfaltada, antigamente a cavalo ou de carroça, por tortuosos caminhos de terra e pedra. Após aproximadamente 15 quilômetros de subida no meio da exuberante natureza, ornada por belas árvores, rios, cachoeiras e tanques naturais, a quase 1500 metros de altitude, uma placa anuncia: "Você chegou ao Paraíso - CARAÇA, a porta do Céu". E lá está, incrustado na serra, ladeado por belas montanhas, o majestoso e histórico prédio, visitado por dois imperadores, Pedro I e Pedro II, e de cujo quadro de alunos saíram dois presidentes do Brasil, Arthur Bernardes e Affonso Pena, além de inúmeras personalidades do mundo político e eclesial.

Mas o que me interessava era perceber e sentir a distância e o isolamento completo em relação ao mundo e a abundância de sinais sagrados a envolver os meninos que até 1968 fizeram ali sua peregrinação rumo ao sacerdócio. Uma belíssima igreja gótica pontifical no centro de todo o conjunto¹⁵; ao lado está o morro do calvário, para a realização das vias-sacras; atrás do colégio, no caminho de uma cascatinha encontra-se a capela dedicada ao Coração de Jesus. Dentro da igreja, no centro do Colégio, sob os olhares de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na presença da "Santa Ceia", uma das obras primas do Mestre Atayde, na companhia da relíquia de um soldado romano, São Pio Mártir, ali naquele santuário, gerações e gerações da juventude mineira, candidatos ao sacerdócio ou às carreiras civis, receberam sua formação. Segundo nosso ponto de vista, todas as condições estavam colocadas para que o processo de condicionamento tivesse bom resultado. Caraça, "Porta do Céu" para os visitantes! E para os garotos ali outrora confinados? Minha dissertação de mestrado tenta responder também a esta questão.

Quando ingressa no *lugar sagrado*, pela primeira vez, neo-seminarista, entre curioso e assustado, é recebido pelo reitor ou pelo ministro de disciplina e é apresentado ao seu *anjo*.¹⁶ Num quadro fixado no saguão de entrada já estão determinados todos os seus lugares: no dormitório, na sala de estudos, na rouparia etc. O seminarista é identificado por um número gravado em suas roupas e que carregará durante toda sua permanência no seminário. Esse ritual de entrada se repete a cada retorno das férias. A partir dessa entrada, o vocacionado deixa para trás o caos do mundo profano para penetrar na harmonia da realidade cósmica, no mundo sagrado. Os primeiros recados que o neo-seminarista recebe, principalmente do seu anjo, são:

AQUI DENTRO é diferente do MUNDO LÁ FORA. Aqui tem um horário, uma disciplina. Cada atividade tem uma hora e um lugar determinados. Para cada coisa o seu lugar e, em cada lugar, a sua coisa. Pode esquecer a vida fácil e relaxada, sem horários ... A ordem, a limpeza e a disciplina são importantes para formar o homem de caráter, para ser um bom padre. O ouro se forja no fogo. No início, talvez seja difícil, mas quando você adquirir o hábito, tudo será mais fácil.

E o garoto, vivo e irrequieto, faz bons propósitos de ser disciplinado, para ser um bom padre, seu sonho, ou de sua mãe. Ao se dar uma primeira volta pelas dependências do seminário, pode-se perceber e sentir o ar de sacralidade, reforçado pelas inúmeras imagens e cartazes (geralmente sobre o "chamado" para ser padre) espalhados pelos corredores, salas, dormitórios, refeitório etc., sacralidade reforçada ainda mais pelo silêncio exigido dentro de casa, na maioria dos lugares. Contou-nos um ex-seminarista que em seu seminário, um quadro com um olho no centro e os dizeres *Deus me vê*, estava espalhado por todos os cantos do internato, especialmente naqueles onde o seminarista poderia se encontrar só, sem os olhos dos vigilantes. Dessa forma, o controle total seria internalizado. Esse símbolo é comum nas casas religiosas.

A largueza dos corredores, a monotomia dos cômodos iguais, a sobriedade nas cores, tudo faz respirar a harmonia das coisas que já estão no lugar. Além disso, o coletivo invade o individual. Em dormitórios coletivos, presididos pela imagem de Nossa Senhora e uma lâmpada votiva, garotos e adolescentes têm seu sono vigiado pelo mestre de disciplina ou seu suplente.¹⁷ Rouparia comum, onde cada interno tem seu pequeno armário, sem chaves, para guardar suas roupas e objetos de higiene. Sobre os armários, pequenos espelhos inclinados para baixo aguardavam sempre o rosto dos seminaristas, desde os mais apressados e desleixados, que mal penteavam os cabelos, até os mais vaidosos que, quando surpreendidos no fino exercício do seu cuidado pessoal, ouviam um sermãozinho sobre a " vaidade":

Olhai os lírios do campo, não fiam nem tecem e, contudo, nem Salomão em todo o seu esplendor se vestiu como um deles. Foi Salomão mesmo quem disse: "Vaidade, vaidade das vaidades. Tudo é vaidade, exceto amar a Deus e só a Ele servir" etc ... etc ...

Nesse lugar sagrado, os chuveiros eram de água fria¹⁸. Isso *fazia bem para a saúde e espantava as tentações da carne*. Houve tempo em que o mestre de disciplina controlava o banho com palmas e apitos. "*Priiu ! - abrir torneiras, ensaboar. Priiiu ! - esfregar. Priiu ! - enxaguar. Priiu ! - fechar chuveiros, enxugar-se, vestir-se. Priiu ! - Sair. Priiu ! Outra turma ...*"

Vamos para a sala de estudos. Grande salão, com carteiras alinhadas, onde os garotos faziam suas lições, escreviam suas cartinhas em dias marcados, liam livros permitidos e também sonhavam, quando se cansavam de estudar. À frente, um pouco mais elevado, o encarregado da disciplina velava pelo bom comportamento de todos, anotando os nomes dos indisciplinados para a distribuição de pequenos castigos. Salas de aulas, iguais a tantas outras salas de outras escolas, não fosse o fato de estarem dentro da própria casa, ao longo do corredor principal.

O refeitório, construído num porão rebaixado, era um salão acanhado, com grossas colunas no meio, cheio de mesas com seis cadeiras cada, pés de ferro que faziam um grande barulho quando os seminaristas se sentavam ou se levantavam¹⁹. Uma grande cruz presidia as refeições. Um pequeno balcão com uma janela ligava o refeitório à cozinha, servindo de passagem para as travessas de comida²⁰. O refeitório dos padres, separado dos seminaristas conquistara o status de santuário, altamente cobiçado por crianças e adolescentes que desejavam os doces, as frutas ou simplesmente as sobras de suas refeições. Há muitas histórias para se contar sobre seminaristas surpreendidos dentro desse recinto tão cobiçado.

No pátio interno, chamado pelos seminaristas de "quadrado", uma imagem do Cura d'Ars²¹, padroeiro do clero e modelo de sacerdote, instalado sobre uma coluna, revestia de sacralidade aquele recinto onde também pontificava, do outro lado, ao pé da escada que dava acesso ao corredor principal, pendurado num poste, o inesquecível sino, comandante maior das horas e dos minutos dos internos.

A biblioteca, cujo acesso era muito limitado, tinha obras de cultura geral, enciclopédias, romances "leves" e muitas vidas de santos e obras de espiritualidade, sem contar obras antigas em latim ou grego, herança dos padres falecidos na diocese. Num canto da biblioteca estava um armário bem guarnecido a chaves, objeto da curiosidade dos seminaristas, que guardava dentro de si os livros proibidos, como *O crime do Padre Amaro*, *O cortiço* e tantos outros livros considerados, pela hierarquia, como sendo obscenos. Seu apelido era *o inferninho*. Durante muitos anos, uma imagem de São Domingos Sávio, com um pergaminho na mão esquerda e a inscrição *Antes morrer que pecar* e a mão direita apontando aos céus, foi responsável pela sacralidade desse lugar.

A reitoria, lugar bastante temido, ocupava um espaço nobre, bem à entrada do prédio, ao lado da portaria e com acesso para o saguão e o corredor principal. Quadros de antigos reitores, já falecidos, estavam pendurados à sua entrada.

Havia ainda as salinhas de música, religiosamente divididas entre menores e maiores. Cada divisão tinha a sua e não era permitido freqüentar a salinha do outro grupo. Nesse tempo, *passar para os maiores* era uma grande promoção. Uma pequena coleção de flâmulas, pequenos troféus e medalhas conquistados em jogos, na sua maioria em campeonatos internos ou contra os alunos do vizinho Colégio Diocesano, mais uma velha vitrola, alguns discos orquestrados e outros permitidos, liberados pela censura interna, algumas velhas revistas religiosas, um joguinho de dama, de xadrez, esse era o palco das pequenas distrações nos recreios menores. Num galpão ao lado, duas mesas de pingue-pongue, uma para os menores e outra para os maiores, uma mesa de pé-bolim e uma de bocha completavam o quadro dos pequenos jogos que chegaram a estimular concorridos torneios e campeonatos entre grupos ou classes.

As qualidades físicas e o porte atlético seriam demonstrados na outra parte do recreio, ocupada nos intervalos maiores. Um campo de futebol ladeado por grandes eucaliptos, barras-fixas para exercícios de musculação, um poste e um pequeno campo circular para o espiribol e, por volta de 1975, uma quadra poli-esportiva, todo esse espaço era o santuário dos atletas invejados pelos garotos. A resistência física, a bravura e a musculação eram treinadas nesses campos. Quem ficasse de fora, sentado nos bancos de madeira ao redor do campo, apenas assistindo, era chamado de *marica ou mariazinha*. "Mens sana in corpore sano", era a máxima que comandava as horas de esportes. Nesses espaços se formava um corpo sadio para melhor servir a Jesus Cristo e sua igreja.

A sacralidade da recreação toda era garantida pela gruta de Nossa Senhora de Lourdes, ladeada por um pequeno jardim. Era o centro da devoção Mariana. *Diante dessa gruta, durante o mês de maio, mês de Maria, cantávamos toda noite após o jantar, o "Salve Regina" e a ladainha de Nossa Senhora*, disseram muitos dos entrevistados.

Antes de falar do lugar mais sagrado, a Capela, vamos dar uma voltinha pelos lugares proibidos, que sofriam o interdito. O eucaliptal nos fundos do Campo de Futebol, os porões sob os dormitórios ou o terraço sobre a ala dos padres têm muita história para contar. Lugares proibidos que despertavam a curiosidade própria da adolescência e o desejo de transgredir. Lugares para fumantes proibidos, para a troca de carinhos mais íntimos entre garotos apaixonados ou, simplesmente, um espaço de liberdade para a troca de confidências, longe do olhar hierárquico dos superiores, até que fossem descobertos, e invariavelmente, expulsos do seminário.

Entramos agora no lugar sagrado por excelência: Capela. A capela, dominando o conjunto da arquitetura, preside a solenidade do lugar. Ela está à frente. Quem vem da cidade passa por ela para chegar ao seminário. Quando os seminaristas ainda (até 1948) assistiam aulas no Ginásio Diocesano, ao lado, a capela ficava no centro, entre o seminário e o ginásio, tornando-se passagem obrigatória. O silêncio e a penumbra reforçam a sacralidade própria do ambiente. Imagens de São Carlos Borromeu; a imagem do Sagrado Coração de Jesus, manso e humilde, e a imagem de Nossa Senhora presidiam celebrações e orações em seus nichos no alto do retábulo do altar-mor.

Um quadro do Bom Pastor, ao lado do presbitério, no alto à direita, e um quadro de Cristo crucificado à esquerda, atraíam os olhares e estimulavam as orações e a imaginação dos piedosos corações adolescentes. Nos vitrais, estampas de santos passavam menos notadas²². Espalhados pelas duas paredes laterais da capela estavam os quadros de Via-Sacra, palco de uma verdadeira "via-crucis" para meninos sonolentos e distraídos que no tempo da quaresma ou nos dias de retiro tinham que seguir os passos da Paixão de Jesus na interminável cerimônia em que tinham que rezar, ouvir e cantar, diante de cada cena, o triste canto: *A morrer crucificado, Teu Jesus é condenado, por teus crimes, pecador!*

À esquerda e à direita da porta de entrada estavam dois pequenos cubículos de madeira escura, os confessionários, onde o padre confessor ouvia semanalmente a ladainha imutável de pecados dos garotos que, ajoelhados, prometiam *nunca mais cair em tentações*. Ali recebiam os conselhos do padre, o perdão divino e, nos bancos da capela, diante do santíssimo sacramento, cumpriam sua penitência, saindo aliviados e prontos para enfrentar o cotidiano, cheios de graça. Perto do confessionário, à esquerda de quem entra na capela, abria-se uma porta para as escadarias do coro e da torre. Pelos relatos de freqüentadores dessas escadas, ali não era um *lugar tão sagrado!* Esconderijo dos rebeldes, dos fumantes e dos que queriam matar sua curiosidade a respeito da explosão da sexualidade adolescente, um lugar, enfim, a ser exorcizado, era talvez, um dos únicos espaços de liberdade, sob os olhares complacentes do Senhor, até que o olhar hierárquico dos superiores os descobrissem. Certa vez, um padre disciplinar disse, numa palestra de correção, que a torre da capela, construção que apontava aos céus em louvor a Deus, tinha se transformado em chaminé dos fumantes proibidos e escada da perdição para os incontinentes sexuais.

E assim terminamos o nosso passeio por lugares tão sagrados, tão segregados. É neste universo sagrado que o candidato deverá se acostumar a viver, incorporando, a maior parte inconscientemente, a imagem de padre que lhe será proposta pela instituição e que deverá representar, ao longo da vida, como funcionário da igreja. Como é que se caminhava por esses espaços? O silêncio era exigido na maioria dos lugares e caminhava-se geralmente em fila. Cada lugar era regulamentado e tinha hora determinada para ser freqüentado ou utilizado.

Todo esse mundo que acabamos de descrever era o *nosso mundo*, o *mundo aqui dentro*, mundo sagrado que estava em oposição ao *mundo lá fora*, mundo profano, chamado simplesmente *mundo*, em sentido pejorativo. O nosso mundo é um cosmos. Todo ataque exterior ameaça transformá-lo em caos. O nosso mundo, o mundo *aqui dentro* é o mundo da graça e da busca da perfeição, mundo de Deus e, portanto, os adversários que o atacam são assimilados aos inimigos de Deus, o demônio, o espírito maligno. Isso fica muito claro através da tônica da pregação dos superiores. Vejamos alguns exemplos:

Quando um seminarista, no final do 1º ano de teologia, recebia o ministério do Leitorado, o Bispo celebrante tomou como ponto de partida de sua pregação o trecho do capítulo 17 do Evangelho de Jesus Cristo segundo João, quando, na despedida, Jesus

pedia ao Pai pelos apóstolos. O Bispo celebrante reforçou as palavras do Evangelho de João dizendo que os seminaristas deveriam se preservar do espírito do maligno que procurava o coração dos vocacionados, dizendo:

O sacerdote é tirado do mundo e volta, ele é enviado ao mundo, no entanto, não é do mundo. É o próprio Jesus quem o diz na sua despedida aos apóstolos ... “se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria aquilo que era dele, mas vós não sois do mundo”. E quando reza ao Pai, ele pede, não para retirá-los do mundo, mas para preservá-los do mundo. Os apóstolos e os sacerdotes, ministros de Deus nos dias de hoje... Portanto o sacerdote é alguém tirado do meio dos homens, é um de nossas famílias. É uma das graças mais preciosas que uma família pode ter, possuir um filho sacerdote ... O sacerdote é enviado para estar no mundo sem ser do mundo ... Seguir o Cristo inteiramente despojado das coisas do mundo e do espírito do mundo. Então o sacerdote é um homem de Deus colocado no meio dos homens ... Nosso Senhor pede a Deus Pai, para que os preserve do maligno. Ora, nós sabemos, "mundus totus positus est in maligno". O mundo todo é colocado no maligno! O sacerdote é alguém assim que fica como que vacinado das coisas do mundo pela graça especial que Nosso Senhor concede àqueles a quem chama para seu ministério. Então, o sacerdote não segue as coisas do mundo, não procura se amoldar ao espírito do mundo, à moda, a começar por aí. Muita coisa que nós percebemos que o espírito diabólico, o espírito maligno introduz dentro da sociedade para minar por baixo, ocultamente os alicerces da vida cristã, da vida religiosa. Esse espírito é maligno. O sacerdote deve ser afastado disso tudo. Então nós percebemos que o ideal do sacerdote é estar no mundo sem ser do mundo. É aquele que procura se realizar plenamente como homem, como cristão e, dentro da sua vocação, como sacerdote. Do contrário, ele terá possibilidades de trair o Senhor ...²³

Numa outra ocasião, e aqui está o segundo exemplo, missa de formatura do seminário na catedral, o bispo, dirigindo-se aos seminaristas - já sabendo que muitos haviam decidido abandonar o seminário - e na presença de ex-seminaristas que vieram participar da cerimônia de seus ex-companheiros, falou assim:

Pobres seminaristas, aqueles que se maravilharam, se entusiasmaram com o *canto das sereias* e decidiram abandonar a vocação. As sereias vão atraí-los para o mar para depois destruí-los. Não se iludam. As meninas querem vocês porque são seminaristas. Depois que vocês saírem, elas lhes darão um chute. Vocês não serão mais proibidos e, por isso, não serão mais desejados. Ou como dizia o velho reitor: até um sabugo de batina é cobiçado, mas quando se despir dela será desprezado²⁴.

Nos retiros, podia-se ouvir a estória do cavalo de Tróia que vem na forma de presente, mas traz no seu ventre as forças de destruição. Num retiro para teólogos, um pregador chegou a dizer, explicitamente, que o cavalo de Tróia dos seminaristas e dos padres era a mulher²⁵. Sereias, Cavalo de Tróia, espírito do maligno, tudo precisava ser exorcizado para impedir o caos e preservar a harmonia do cosmos.

Além de tudo o que foi dito até agora, o controle do espaço, no seminário, exerce ainda outras funções. Na obra *Vigiar e Punir*, Foucault mostra como a distribuição dos indivíduos no espaço é importantíssima para a disciplina que, nesse sentido, usa diversas técnicas: a disciplina às vezes exige a *cerca*, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local da monotonia disciplinar. Isso ocorre em colégios, quartéis, e, em parte, também nas fábricas quando os portões se fecham às costas

dos seus operários. Para Foucault, é importante o princípio da localização imediata ou do *quadriculamento*: cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar um indivíduo.

Evitar as distribuições por grupos, decompor as implantações coletivas, analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quantos corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas. O desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de anti-deserção, de anti-vadiagem, de anti-aglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos.²⁶

No seminário, o mestre de disciplina é quem determina a ocupação dos espaços pelos indivíduos: ele distribui os lugares no dormitório, na sala de estudos, na rouparia, nas filas, na capela e os modifica quando acha necessário. As aproximações não acontecem por afinidade, o que poderia gerar pequenos grupos dentro da comunidade. No início de cada semestre o padre disciplinar redistribui os lugares. Durante o semestre, quando a aproximação física gera uma solidariedade maior entre os vizinhos, o superior promove outras mudanças. O espaço nunca é conquistado, ele já está dado, previamente distribuído segundo os critérios dos superiores. Se, por um lado, há a técnica de marcar o lugar para individualizar, por outro lado não há espaço para a expressão da individualidade e a privacidade é destruída. Segundo Goffman, nas instituições totais, a partir da admissão, ocorre uma espécie de exposição contaminadora. No mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam, por exemplo, aos sentimentos do "eu", seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns dos seus bens - fora do contato com coisas estranhas e contaminadoras. No entanto, nas instituições totais, esses territórios são violados; a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do "eu" são profanadas.²⁷

A organização do espaço no internato é, portanto, um elemento importante no processo de condicionamento. É nesse espaço bem "quadriculado" que o seminarista vai viver, passar o tempo, um tempo bem disciplinado.

Grande parte da reflexão feita a respeito do espaço serve para compreender também a questão do tempo no internato. Para o homem religioso, o tempo não é nem homogêneo nem contínuo. Entre a duração temporal ordinária, na qual se inscrevem os atos privados de significação religiosa, e os intervalos de tempo das celebrações, das comemorações, das festas, há uma grande diferença. O homem religioso conhece, portanto, duas sortes de tempo: o profano e o sagrado. É o *Cronos* e o *Kairós*, o tempo de relógio e o tempo experimentado. O tempo profano é linear, tópico, cumulativo, irreversível. É uma duração evanescente. "O que passou, passou!" Pode haver arrependimento, mas não retorno. Pode-se lembrar, mas não reviver! As águas rolam por debaixo da ponte e se encaminham, inexoravelmente, para o mar de um passado onde se perdem para sempre. Um acontecimento histórico tem sua data fixada. Data, em latim, significa aquilo que se deu, aconteceu num momento determinado do tempo. A celebração é uma ruptura na continuidade e homogeneidade do tempo profano linear. A festa provoca a suspensão cronológica. Segundo a tradição cristã, a experiência mais real do sagrado e da ruptura da linearidade do tempo é o êxtase, por ser um profundo mergulho na eternidade.

O tempo no seminário se rege pelo calendário litúrgico. O grande número de dias santos mostra que é o tempo dos estudos, o calendário escolar que se cola ao tempo litúrgico e não vice-versa. A liturgia, o sagrado, envolvem o ano, o mês, a semana e o cotidiano dos internos.

Pelo regulamento do Seminário da Imaculada de Campinas²⁸, nos seus artigos 40 a 44, revela-se o clima sacral da existência:

- art. 40 - Todos os seminaristas diariamente assistirão aos seguintes exercícios de piedade: Te-Deum; Orações da manhã; meditação, Missa e Comunhão; visitas ao Santíssimo; Exame de Consciência, Angelus, Leitura de um trecho do Novo Testamento; Terço, Leitura espiritual, Ladainhas, Oração da noite e Salmo Miserere.
- art. 41 - Os exercícios semanais de piedade serão: a) aos domingos: vésperas cantadas, antes da Bênção do Santíssimo Sacramento; b) Conferência espiritual; c) Ladainhas de Nossa Senhora, cantadas, aos sábados.
- art. 42 - Os exercícios mensais de piedade serão: a) Solenização da primeira sexta-feira; b) Exposição solene do Santíssimo Sacramento; c) Culto especial a São José, no dia 19; d) dia de Recolhimento (retiro, em silêncio).
- art. 43 - Anualmente haverá um Retiro Espiritual de três dias completos; os meses de março, maio, junho e outubro serão celebrados com solenidades especiais em preparação às principais festas litúrgicas: novenas, tríduos ou práticas de piedade.
- art. 44 - Aos domingos, dias santificados ou festivos e primeiras sextas-feiras do mês, haverá Bênção do SS.Sacramento.²⁹

Além disso, cada dia da semana tinha sua dedicação própria e, durante o ano, festas de Nossa Senhora e dos santos povoavam o dia-a-dia do interno.

Após longa pesquisa em textos, ou por meio de entrevistas, chegamos à conclusão de que o cotidiano de qualquer seminário menor de estilo tridentino é, invariavelmente, o mesmo e pode ser esquematizado da seguinte maneira:

HORA	ATIVIDADE
5:45	- Despertar
6:15	- Oração da Manhã, Meditação por 15 minutos e Missa, na Capela
7:00	- Café e pequena limpeza na casa
7:30	- 11:45 - aulas, com pequenos intervalos
12:00	- Almoço
12:30	- Visita ao Santíssimo Sacramento
12:40	- Recreio com pequenos jogos de mesa
13:30	- Estudos
14:30	- Café, recreio e prática de esportes de campo
16:00	- Banhos
16:30	- Estudos
18:00	- Jantar, com leitura espiritual
18:30	- Visita ao Santíssimo Sacramento ou à gruta de Nossa Senhora
18:40	- Recreio com pequenos jogos de mesa
19:30	- Oração comunitária do Terço do Rosário
20:00	- Estudos
20:45	- Oração da Noite. Exame de Consciência. Chá e dormir

Pela análise dos Regulamentos dos seminários de Mariana, em vigor a partir de 1821, podemos notar que a ordem dos atos comunitários não era a mesma dos seminários aqui apresentados, o que pode se justificar pela distância no tempo, pelos costumes da região, pela mentalidade da época e um conjunto de outras razões, mas dois aspectos fundamentais são comuns: um dia povoado de rezas e o controle minucioso do tempo. A

sacralidade e a segmentação do tempo estão presentes e devem ter servido de modelo para os regulamentos de outros seminários fundados depois, por se tratar de um dos seminários mais tradicionais do Brasil.

Em todos os dias irão em comunidade ao Coro pelas cinco horas da manhã, onde farão Adoração a Santíssima Trindade e com ella gastarão tempo de meia hora sobre o ponto que de noite se tiver lido. Ficarão ahi mesmo para ouvir a Missa que celebrará o Padre Vice-Reitor. As sete horas da noite tornarão a ir ao mesmo Coro para rezarem com fervorosa devoção a Coroa da May de Deos, e no fim assistirão com muita devoção ao ponto que deverá servir para discorrerem e meditarem na Oração mental da manhã. Os Padres e Seminaristas que tiverem Ordens Sacras rezarão juntos no Coro as Horas menores de Officio Divino pelas nove horas e meia da manhã. As 2 horas da tarde resarão da mesma forma Vesperas e Completas, e as quatro e meia Matinas e Laudes...³⁰

Vejamos como era a ordem do dia no seminário de Mariana:

5.1/2 levantar. 5.3/4 Actos da manhã em os salões, ajoelhado no meio um atrás dos outros. 6 Estudo com silêncio rigoroso. 7 Missa, e depois almoço. Estudo em silêncio rigoroso. 9.1/2 aula por 2 horas. 11.3/4 jantar e recreação. 3.1/2 aula por 2 horas. 5.1/2 cantochão para os Ecclesiasticos, e recreação para os mais. 6 terço e lição espiritual por meia hora. 6.1/2 estudo em silêncio rigoroso. 7 Ceia e recreação até 8 e meia. 8.1/2 exame, e recolher-se. He permitido até as 10 o estudo, e então se devem apagar as luzes particulares.³¹

Com pequenas alterações, vejamos como Victor Tomelin, ex-padre, descreve o dia-a-dia das rezas, a distribuição de um tempo totalmente sagrado:³²

Nosso dia, no seminário, começava com uma oração. Ou melhor, éramos acordados com o nome de Deus na boca. Às cinco e meia da matina, invariavelmente, a campainha tocava e, no meio do dormitório, o padre batia palmas e gritava "Benedicamus Domino" (Bendigamos ao Senhor). E nós, ainda envoltos nas cobertas e, às vezes, com o sono ainda pelo caminho, respondíamos sem pestanejar: "Deo Gratias" (Graças a Deus). Às 5 h.30 min. a fila descia do dormitório à capela. Oração da manhã, missa e meditação nos entretinham lá por mais de uma hora. O almoço era precedido por uma visita de quinze minutos ao Santíssimo Sacramento. Após a refeição, voltávamos à capela para outra "visita" de cinco minutos, para agradecer. Antes do jantar retornávamos para uma "leitura espiritual", a reza do terço, das ladainhas, a bênção do Santíssimo Sacramento, a reza do "Angelus" e a oração para o jantar. Terminada a janta, passávamos novamente pela capela. Era assim também às 20 h e 30 min., após o último recreio: a oração final, a oração da noite, que incluía alguns minutos de silêncio para o exame de consciência dos pecados cometidos durante aquele dia, o arrependimento e o firme propósito de não mais cometê-los. A oração grupal, na capela, ocupava grande parte do nosso dia. Sem contar o que se rezava antes e depois de cada atividade. Era assim às refeições, estudos, trabalho, passeios e aulas. Enfim, cada ação devia ser iniciada e concluída com uma oração grupal. Domingos e solenidades religiosas ou comemorações internas de santos, da Virgem Maria ou festividades da igreja, acrescentavam mais oração: já eram duas missas. A primeira missa era mais rápida e a segunda era solene, com duas horas ou mais de duração. À tarde, bênção do Santíssimo Sacramento, também solene. E tinha mais: uma palestra semanal, seguida da confissão, os retiros mensal e anual e outras atividades e práticas e piedade, conforme a época do ano e o calendário litúrgico: o mês de março era dedicado a São José, o de maio à Virgem Maria, o de junho ao Sagrado Coração de Jesus, o de outubro às missões e às vocações sacerdotais e

religiosas e o de novembro às santas almas do purgatório. Tudo isso implicava em atividades de piedade extras - sem contar as grandes festas, como: Páscoa, Pentecostes, Corpus Christi, Ascensão, Imaculada, Natal e outras, precedidas de novenas, tríduos e palestras especiais.

Acrescentem-se ainda os ensaios de canto e das cerimônias que deviam ser executadas impecavelmente. Se fizermos um levantamento, percebemos que o tempo concedido à oração superava o de qualquer outra atividade. No cômputo geral, sem os devidos descontos, isto é, se considerarmos a jornada do seminarista desde o primeiro "Deo Gratias" até às 20 h e 30 min. notamos que o tempo concedido a oração se aproximava dos 30%. Expurgado, o índice subiria bem mais. Conforme o horário, ele competia com o das aulas e ganhava do de estudo, recreio e trabalho. Na verdade, toda atividade era considerada oração. Assim, quem arrumava a mesa para o jantar, durante a reza do terço, formava dois coros e ia distribuindo Padre-nossos, ave-marias e glórias-ao-Padre juntamente com pratos, talheres e copos. Individualmente, éramos exortados a rezar sempre, constantemente. Assim, nas filas ou nas passagens de uma atividade a outra rezávamos o terço ou jaculatórias para mantermos nossa mente sempre ocupada com pensamentos de Deus, a fim de afastar as más tentações³³.

O tempo era dom precioso de Deus para a salvação e, portanto, perder tempo era pecar. Por toda exposição feita a respeito da distribuição do tempo, podemos concluir que a vida acontece no intervalo das rezas. O dia-a-dia era uma prece. Mesmo as atividades profanas se conformavam a um ritual religioso na sua execução: o alinhamento dos alunos, o silêncio, o respeito e as orações que precediam e encerravam qualquer atividade: aulas, refeições, jogos, passeios etc.

O controle minucioso do dia, através dos horários pré-estabelecidos, alcançava também o período de férias, quando os seminaristas eram aconselhados a fazer uma programação do dia para evitarem a ociosidade. E muitos seguiam rigorosamente um horário auto-imposto. Um ex-seminarista contou-nos, em entrevista, que antes de sair de férias, elaborava, com auxílio do diretor espiritual, o seu horário, entregando uma cópia a seus pais para que lhe cobrassem a rigorosa execução.

Após a ordenação, o neo-sacerdote era aconselhado a disciplinar o seu dia para perseverar na vocação, como podemos ver no *regulamento de vida para um padre secular* cujo dia era minuciosamente distribuído para aproveitar o tempo sem se perder no mundo.

... um padre que queira viver conforme a dignidade do seu estado, deve fixar o tempo e a hora para todos os seus exercícios, de modo a cumpri-los numa ordem constante; não faça como alguns que nenhuma ordem observam nas suas ações. A vida sem regra é uma imagem do inferno.³⁴

A eficiência de tal internalização podemos constatar pela convivência com padres mais idosos, como aquele velho monsenhor, praticamente maníaco, que tinha cinco despertadores e, quase inválido e aposentado, seguia escrupulosamente seus horários, ou por este cartão manuscrito que encontramos no meio do livro de orações de um falecido vigário do interior que assim distribuía seu dia:

HORÁRIO³⁵ A.M.D.G.³⁶

- 5,30 - levantar
- 5,45 - oração da manhã e primeira meditação
- 6,30 - Missa
- 7,15 - Café - tempo livre - primeiro terço
- 8,30 - horas menores (capela)

- 9,00 - leitura espiritual
- 9,30 - anotações (sic.)
- 10,30 - segunda meditação (capela)
- 11,30 - almoço, tempo livre (segundo terço)
- 14,00 - exame de consciência e vésperas na capela - completa
- 15,00 - anotações
- 16,00 - café
- 16,30 - terceira meditação
- 18,15 - jantar - tempo livre - 3 terço
- 19,30 - via-sacra
- 20,00 - oração da noite (ponto da meditação)
- 21,00 - dormir

Numa instituição total, *todas as fases das atividades diárias são programadas dentro de linhas estreitas, uma atividade conduzindo no tempo predisposto para a próxima e, sendo todo o círculo de atividades imposto de cima, através de um sistema de regras formais explícitas e um conjunto de funcionários*³⁷.

No seminário, tudo está previsto no regulamento ou explicitado por meio de avisos, ordens-do-dia e programações preparadas pelos superiores, das atividades mais importantes aos mínimos detalhes. A casa deve funcionar como um relógio. O garoto que não cumpre pontualmente os horários, desobedecendo aos sinais, é como um dente fora da engrenagem, atrapalha o bom andamento da casa.

A distribuição minuciosa do tempo invade a personalidade do interno, dobra a sua vontade e o amolda, o forma, na forma do previsível, de acordo com os interesses da instituição. O tempo já está dado, distribuído. Não há o que se conquistar ou decidir. É fácil perceber aí o que Foucault entende quando diz que a *colocação em série das atividades sucessivas permite todo um investimento de duração pelo poder: possibilidade de um controle detalhado e de uma intervenção pontual*³⁸.

A rítmica do tempo foi criada e desenvolvida primeiro nos conventos da Idade Média para, só depois, passar para as escolas, fábricas e exércitos. Durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplina: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos dos ritmos e das atividades regulares. Os superiores determinam. Cabe aos subalternos responderem imediatamente. É uma relação de poder. Quem tem o apito, o sino ou a programação, controla as pessoas. Quanto mais minuciosa a distribuição do tempo, maior o exercício do poder. Vejamos um exemplo:

À última pancada do relógio, um aluno baterá o sino e, ao primeiro toque, todos os alunos se porão de joelhos, com os braços cruzados e os olhos baixos. Terminada a oração, o professor dará um sinal para os alunos se levantarem, um segundo para saudarem Cristo, e o terceiro para se sentarem.³⁹

Nos seminários, em livros de *estórias edificantes*, contava-se a respeito de santos que eram tão pontuais na obediência aos sinais, afinal, o sino é a voz de Deus que chama, que chegavam a interromper uma palavra pela metade quando se dava o toque de silêncio, encerrando o recreio.

O tempo, assim detalhado, penetra o corpo e, com ele, todos os controles minuciosos de poder. Por outro lado, para exercer o controle total, é preciso expropriar toda possibilidade de utilização opcional do tempo. É preciso constituir um tempo integralmente útil. O tempo tem que ser exaustivamente utilizado. É proibido perder tempo. Quem perde tempo na fábrica, rouba o patrão. Diante de Deus, quem perde tempo, arrisca a salvação.

A ociosidade é a mãe de todos os vícios. Água parada cria bicho. O demônio procura os desocupados. O tempo é sagrado: é no tempo que se ganha a eternidade! A ociosidade e a preguiça são travesseiros de satanás...

São refrões constantes nos textos de formação dos seminários.

A preguiça traz o ócio. E o ócio é o maior inimigo da virtude. E o demônio trabalha. E vêm as tentações...fortes. É preciso reagir, ocupar bem o tempo...É preciso vencer a si mesmo, lutar contra esta doença terrível de perder tempo...Todo momento de tempo vale um tesouro. Ser fiel nas cousas pequenas⁴⁰.

Na hora do silêncio, transitando em fila pelos corredores ou à noite na cama, enquanto o sono não vem, reza o terço ou jaculatoriais, elevando o pensamento a Deus, para que as distrações mundanas não perturbem a paz interior, nem ameacem a vocação!

Eis alguns conselhos dos superiores do seminário para adolescentes cheios de fantasias.

O seminarista sofre um domínio total que transforma sua personalidade e que elimina sua espontaneidade.

No espaço sagrado do seminário, comandados por horários rígidos e estabelecidos, como vimos, vivem juntos padres, professores, alunos e serviçais. Há um grande esforço, pelo menos em termos de discurso, para se apresentar como uma comunidade e, mais ainda, como uma grande família. *O seminário é uma comunidade. Sua nota característica é o espírito de família. Dele vem o devotamento dos superiores aos educandos e o respeito destes como filhos*⁴¹.

Para que os alunos tenham o seu tempo todo disponível para a oração e estudos, ou para a ociosidade disfarçada, os serviços de copa-cozinha e lavanderia, bem como os trabalhos de horticultura e jardinagem, criação de porcos ou galinhas são executados, em geral, por empregados, mas, às vezes também pelos seminaristas⁴².

No regime de internato, os empregados têm poquíssimo contato com os alunos. A comunicação se reduz ao indispensável e se faz através dos encarregados. Não é permitido, por exemplo, que alunos e empregados façam intercâmbio de qualquer espécie, sequer se lhes pode pedir que façam compras para os internos ou levem recados para fora. Quando são moças que trabalham na copa-cozinha ou lavanderia, os cuidados são redobrados. Mesmo quando não há a famosa roda, já descrita atrás, para não permitir nem mesmo a visão das empregadas, a vigilância é contínua para afastar qualquer possibilidade do surgimento de uma simples amizade. Essa vigilância fica a cargo das religiosas que coordenam os serviços domésticos. A superiora é, em geral, idosa, tradicional e muito enérgica. As domésticas e demais freiras devem obedecê-la cegamente. É a hierarquia da cozinha.

É comum nos seminários a presença de celibatários -homens e mulheres desligados da própria família- que passam praticamente a vida toda como agregados do seminário, trabalhando na cozinha, portaria e serviços em geral. São pessoas humildes (e muitas vezes humilhadas!) que se identificam como patrimônio da instituição. Em alguns casos exercem também um papel complementar de vigilantes do comportamento dos seminaristas. A organização interna do seminário segue uma regulamentação bem definida: responsabilidades e funções são delimitadas pelo regulamento.

No contato cotidiano e direto com os alunos está o padre prefeito, também chamado de Ministro de Disciplina ou, simplesmente, *disciplinar*. Geralmente é um padre novo, recém-ordenado, que passa pelo purgatório de ser o incansável vigilante de um bando de meninos e adolescentes que vêm nele a encarnação do que há de mais odioso no regulamento: o silêncio, as filas, os horários e os castigos. Ao mestre de disciplina cabe a responsabilidade de cuidar do cumprimento fiel de todas as normas do internato. Ele tem que levar vida de seminarista menor, sendo mais pontual e assíduo que todos. Desde o acordar os seminaristas, com as badaladas do sino, até o vigiar o seu sono tranqüilo, à noite, seu dia é uma maratona. Apito no bolso para dar os primeiros sinais, comandar os meninos no recreio, apartar brigas, separar amizades particulares, vigiar filas, exigir silêncio, acompanhar estudos, orações, encaminhar doentes para enfermaria, fazer os porcolinos tomarem banho, consolar os que choram de saudades de casa, ensinar boas maneiras, etc. etc... Sua vida é um expediente. Os ossos do ofício são os atritos com os seminaristas insubordinados. Além de ser o representante da repressão para os seminaristas, o padre prefeito recebia a cobrança do reitor, quando havia indisciplina na casa, e reclamação dos pais e vigários, quando surgia algum problema. Entre a cruz e a espada, esse padre jovem agüentava pouco tempo seu purgatório, e já à beira da estafa, era substituído por outro.

Para auxiliar na sua tarefa, o padre prefeito contava com dois suplentes. Eram seminaristas mais velhos, de confiança, nomeados pelo período de um ano para substituir o ministro de disciplina onde ele não pudesse estar. Um suplente cuidava do estudo, recreação e dormitório dos maiores e o outro cuidava dos menores. Os suplentes eram revestidos de todos os poderes para exigir o cumprimento do regulamento e, inclusive distribuir castigos. Mesmo sendo, muitas vezes, vistos com desconfiança e até com raiva pelos colegas, os suplentes se sentiam recompensados pela amizade e confiança dos superiores. De certa forma eles faziam parte da hierarquia e tinham possibilidade de praticar seu sadismo na distribuição indiscriminada de pequenos castigos. Além dos suplentes, cada divisão de recreação (menores, médios e maiores) tem seu encarregado e cada classe o seu bedel.

O padre ecônomo é o responsável pela manutenção da casa. Ele cobra as mensalidades, faz as compras, efetua os pagamentos e mantém uma *lojinha* para fornecer material escolar e de higiene, para que os seminaristas não precisem ir à cidade fazer compras. O padre ecônomo prevê tudo. O dinheiro disponível dos seminaristas também fica aos seus cuidados.

Para cuidar da vida de piedade e do amadurecimento na vocação há o diretor espiritual. Os seminaristas devem ter para com ele toda confiança e sinceridade, expondo-lhe freqüentemente suas dificuldades, defeitos, tentações, dúvidas, bem como seu progresso nas virtudes. O padre espiritual tem a *graça de estado* para dirigi-los. Seminarista dirigir seminarista é cego conduzindo outro cego. Tal procedimento é reprovável e inadmissível, como diz o regulamento do seminário. Sua responsabilidade é o foro interno dos seminaristas, é o íntimo, são os segredos da vocação. Mensalmente o diretor espiritual chama, um a um, todos os seminaristas para conferir os seus progressos ou quedas no campo da espiritualidade e da perseverança na vocação. A ele cabe, em primeiro lugar, discernir se o garoto tem ou não vocação e assim aconselhá-lo e dirigi-lo. Na prática, são poucos os que confiam totalmente nele pois, apesar da obrigação de manter o sigilo, o diretor espiritual não deixa de ser um membro da equipe dirigente do seminário. Em geral, os seminaristas se limitam apenas a lhe apresentar o seu caderninho de meditação⁴³ e fazer comentários periféricos, sem se abrir. Muitos entrevistados - ex-padres e seminaristas - nos disseram que demoraram para deixar o seminário, e alguns até se

ordenaram, por insistência do diretor espiritual, que tratava qualquer problema apresentado como crise que seria superada. O diretor espiritual faz um misto do papel do ideólogo mor e de guru das almas dos vocacionados. Ele se porta geralmente com uma certa gravidade, mantendo distância para adquirir respeito e confiança. Ele é o maestro de toda vida espiritual do internato.

Os confessores, embora não pertençam à equipe dirigente do seminário, fazem parte do pessoal que, de alguma forma, tem presença garantida na formação dos seminaristas. O seminário oferece aos alunos, semanalmente, a oportunidade das confissões. Para atender às confissões são convidados padres da cidade, geralmente padres idosos que moram em outros colégios. Na prática, a sua função é ouvir e perdoar os pecados, dando uma pequena penitência, não podendo interferir diretamente na orientação dada aos seminaristas. Sua função é estritamente sacramental e desligada da vida do seminário. Para os internos, extremamente culpabilizados, sua presença era um bálsamo para alma, pois significava o perdão dos pecados, alívio das penas e garantia da salvação, além de permitir o retorno à mesa da comunhão.

Os professores, geralmente padres, têm, por obrigação primeira, cumprir à risca tudo o que foi estabelecido no currículo elaborado pela direção. Padres novos, ainda sem paróquia, passam pelo seminário durante um período dando aulas das mais diversas especialidades. A distribuição das aulas é feita de acordo com as necessidades do seminário e não de acordo com os gostos ou aptidões de cada um e nem todos aqueles que têm dom ou vontade para continuar os estudos em nível de especialização ou pós-graduação, conseguem autorização para tal. Com humildade e espírito de obediência, que acabaram de prometer na ordenação, esses padres aceitam a incumbência de dar aulas de matemática, latim, religião ou boas-maneiras. Alguns se identificam com a sua matéria e, mesmo trabalhando em alguma capelania ou paróquia, perto do seminário, continuarão professores até o fim da vida.

O código de direito canônico (Cân. 1800 § 1º) determinava que, para todos os cargos, inclusive para o magistério no seminário, fossem nomeados sacerdotes eminentes.⁴⁴ Só mais recentemente, na falta de sacerdotes, é que os leigos, primeiro homens, depois as mulheres, puderam penetrar no santuário e colaborar na formação intelectual dos futuros padres, tudo sob estreita vigilância dos superiores. Qualquer professor que ousasse contestar uma orientação do seminário, criticar alguma norma do regulamento ou espalhar dúvidas sobre a fé, seria demitido. Por isso, os professores eram escolhidos entre os militantes da Ação Católica, Congregação Mariana e, mais recentemente, das diversas pastorais da igreja.

A coordenação de todas as atividades do internato era responsabilidade do padre reitor. Ao reitor estavam submetidos, não apenas os alunos, mas todos os que desempenhassem funções no seminário, à semelhança de um mosteiro. As expressões a ele consagradas no regulamento são fortes e incisivas. O regulamento está repleto de expressões *a critério do Pe. Reitor* ou *com a devida licença do Pe. Reitor*. A ele compete receber o aluno no seminário, seguir seus passos e encaminhá-lo para frente, para o seminário maior ou para a ordenação, ou mandá-lo de volta para casa. O reitor deve se ocupar da organização do calendário, programando o ano letivo, os retiros, passeios, férias e quase todas as atividades do seminário. Cabe a ele velar pelo fiel cumprimento de todas as normas do regulamento, bem como dirimir as questões surgidas durante o ano. A aplicação mais rigorosa ou mais branda do regulamento depende muito da sua personalidade.

O reitor costuma permanecer períodos mais longos no seminário, dando sua tônica de vida a toda uma geração que acaba se formando à sua imagem e semelhança.

Geralmente de personalidade forte e grande espírito de liderança, castigando com brandura, ele demarca a personalidade dos alunos, principalmente daqueles que se entregam docilmente às suas orientações. Seminaristas mais submissos e dóceis carregam por toda a vida a imagem de seu reitor que, mesmo depois de muitos anos, já falecido, continua regendo a sua vida e é com lágrimas nos olhos e muita saudade que dele se recordam. Os padres que estudaram no seminário menor de São Carlos, desde a sua fundação (1935) até a década de 1950, têm as marcas de Monsenhor Alcindo Alves Siqueira. Todos se recordam dele com veneração, principalmente depois do sofrimento cruel que antecipou sua morte.

Monsenhor Alcindo estava sempre presente. Sua figura era de reitor e pai. Ele tinha autoridade e demonstrava amizade. A disciplina, ele levava dentro da linha tradicional. Foi um tempo pacífico. Ninguém ficou traumatizado ou recalcado. (padre-53)⁴⁵

Mas há aqueles que criticam esse processo de condicionamento:

Às vezes a gente nota que há uma influência de personalidade de formadores sobre os formandos: esses passam a imitar os formadores. Isso não é formador. São deformadores que levam à imitação. Eu acho que está sendo feita uma modelagem a partir dos formadores. Os meninos copiam os traços deles. (padre-43)

Por estar revestido de autoridade absoluta, e a partir de seus problemas mal resolvidos, corre-se um grande risco de se ter na direção do seminário um reitor que exerça sua tirania sobre garotos indefesos, em nome de Deus e da formação para o sacerdócio. A insegurança da autoridade pode gerar o autoritarismo. E quando a hierarquia é sacralizada, os desvios da autoridade não poderão ser questionados. Diante disso, gerações de seminaristas sofreram muita opressão na sua infância, adolescência e juventude, sem que sua idade e suas características fossem respeitadas.

Por trás de toda organização do seminário está o bispo diocesano que nomeia a equipe de direção, aprova o regulamento e dá orientação para formação de seus futuros padres. Deve-se a ele submissão total. Note-se que, entre outras coisas, o bispo sustenta os seminaristas. Essa imagem sempre foi impressa na mente dos alunos, gerando fortes laços de dependência econômica⁴⁶. O verdadeiro financiador do seminário, o povo trabalhador, ficava oculto e sem direito a dar qualquer palpite na formação dos padres que fariam, mais tarde, parte do seu meio e nele interfeririam.

Os seminaristas, personagens principais do seminário merecem um artigo exclusivo. Assim se completa o quadro do pessoal do seminário, que se propunha, no início, como uma família, mas que se identificava mais com uma instituição total.

Como se viu, há uma rígida hierarquia interna que vai do reitor ao último subalterno, numa relação de mando-obediência. A palavra *participação* está ausente do regulamento e da vida do internato de modelo tridentino. Distribuem-se responsabilidades mas não se reparte autoridade. Nunca há escolha ou eleição, mas sempre nomeação, determinação.

Constituído o espaço e o tempo sagrados e composto o elenco, sob os auspícios de uma determinada teologia consagrada no regulamento, o seminário está pronto para funcionar. Nesse espaço isolado e bem regulamentado, sob a direção de tais protagonistas, os garotos vão atravessar um longo túnel, com horários rigorosos, uma férrea disciplina,

sofrendo as técnicas de condicionamento, até alcançarem o objetivo final da ordenação sacerdotal, ou saírem feridos no meio da caminhada.

GAROTOS NO TÚNEL foi o título original da minha dissertação de mestrado, um título sugerido pelas repetidas vezes que a expressão apareceu nas entrevistas. Ser *chamado* e entrar para o seminário é como entrar num túnel. Isolado do mundo, caminhando sempre na mesma direção, com uma única saída: ser padre.

Voltar para trás, desistir, é perigoso: a locomotiva da igreja poderá vir em sentido contrário e atropelar o desertor. Quando há desistência, e são muitas, ninguém sai ileso. Os que seguem em frente, no fim do túnel se reencontram com a luz, ficam atordoados, mas já estão habituados a continuar nos trilhos: estão condicionados e vacinados contra o mundo. Os constrangimentos externos diminuem. Entretanto, eles já estão socializados, a formação interiorizada.

Mas, apesar de todo o controle, há possíveis descarrilamentos. São os que desistem, os que abandonam. E nesse caso, o sujeito sempre sai ferido, até encontrar um novo eixo para a vida ou curtir a angústia de não encontrar rumo nenhum.

Oh ! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

Ao rever minha dissertação para escrever este artigo, eu mesmo experimentei um sentimento de muita saudade dos espaços, que hoje posso rever, mas não com a mesma experiência, dos colegas que estão longe ou que já partiram para outras dimensões, dos superiores quase todos já falecidos. Não são as saudades dos *oito anos* de Casimiro de Abreu, mas dos 11, 12, 13...

Eu saí do seminário há muito tempo mas o seminário não saiu de dentro de mim foi a expressão mais forte de um dos entrevistados. Muitos dos personagens que passaram por esses seminários tridentinos, onde aprenderam a conviver com a disciplina do corpo, do estudo e da reflexão, hoje dedicam-se à educação, estão inseridos em universidades, nos cursos de graduação e pós-graduação, na pesquisa e na publicação. Muitos talvez façam da cátedra o púlpito perdido ao deixar a vocação ou o próprio sacerdócio. Certamente, nós pesquisadores, estamos devendo à comunidade acadêmica um estudo sobre a presença e a influência marcante de ex-seminaristas, padres celibatários ou casados no campo da educação. Isso eu digo principalmente baseado nas últimas palavras de minha dissertação de mestrado: *uma vez seminarista, seminarista in aeternum*.

Assim, penso que este artigo tenha cumprido seu objetivo de revelar com pormenores o interior de uma instituição escolar, responsável pela formação de sacerdotes, cidadãos comuns, dirigentes do mundo político ou empresarial, homens de letras e muitos, muitos educadores.

BIBLIOGRAFIA

BARATTA, José do Carmo. *Escola de heroes - o colégio N.Sra. das Graças e o seminário de Olinda*. Recife, Imprensa Industrial, 1962.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1978.

- BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BERNANOS, Georges. *Diário de um pároco de aldeia*. Rio de Janeiro, Agir, 1964.
- BRITO, Pe. Henrique de, S.D.B. *Aspirante salesiano*. São João del Rei, Escolas Profissionais Dom Bosco, 1954.
- CABRAS, Alessio. *Os anjos querem ser homens - um estudo sobre laicização de padres no Brasil* - Dissertação de Mestrado (USP). São Paulo, mimeogr., 1983.
- CHAUTARD, Dom J.B. *A alma de todo o apostolado*. Évora, Portugal, 1920.
- CHOTARD, Jean-René. *Seminaristas...une espèce disparue ? - histoire et structure d'un petit séminaire, Guérande (1822-1966)*. Sherbrooke, Québec, Canada, Éditions Naaman, 1977.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano, a essência das religiões*. Lisboa, Livros do Brasil, sem data.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- FREIRE, Gilberto. *Dona sinhá e o filho padre*. São Paulo, Círculo do Livro, 1987.
- GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- HAUCK, João Fagundes e outros. *História da igreja no Brasil, segunda época, século XIX - Cehila*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- HOORNAERT, Eduardo. *História da igreja no Brasil, primeira época, tomo 2- Cehila*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O.F.M. *O ser do padre*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- LACERDA, Pe. Milton Paulo de. *Juventude e opção vocacional*. São Paulo, Paulinas, 1976.
- LAGE, Padre. *O Padre do diabo*. São Paulo, EMW editores, 1988.
- LEHMANN, Pe. João Batista. *Na luz perpétua*. Juiz de Fora, Ed. Lar Católico, 1959.
- LIBÂNIO, Pe. João Batista. *A volta à grande disciplina*. São Paulo, Loyola, 1984.
- LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *A Selva, para ordinandos e sacerdotes*. Porto, Ed. Tipografia Fonseca, 1928.
- LUSTOSA, Frei Oscar de Figueiredo. *A presença da igreja no Brasil, história e problemas (1500-1968)*. São Paulo, Giro, 1977.
- MENDONÇA, Floriano. *À sombra da torre de santa Teresa*. Salvador, Departamento Estadual de Cultura, 1976.
- ORGONOVO, Pe. Justino. *O bom seminarista em férias, manual de meditações*. Cucujães, Portugal, Editorial Missões, 1950.
- PIERRARD, Pierre. *História da igreja*. São Paulo, Paulinas, 1982.
- QUEIROZ, Eça. *O crime do padre Amaro*. São Paulo, Lello Brasileira, 1970.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano e outros. *Padres casados, depoimento e pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1990.
- RULLA, Luiz M. e outros. *Estrutura psicológica e vocação*. São Paulo, Loyola, 1985.
- SANTOS, Otávio Luiz dos. *A benção seu vigário, a batina pelo avesso*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988.
- SKINNER, B.F. *A ciência e comportamento humano*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1967.
- SUAUD, Charles. *La vocation, conversion e reconversion des prêtres ruraux*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1978.

TAGLIAVINI, João Virgílio. Seminário Menor Diocesano: contribuições à história de uma instituição escolar de São Carlos. Revista *Ensaísmo* dos discentes de história do Unicep, São Carlos, setembro – dezembro de 2006, n. 2, pp. 43-58.

_____. *Garotos no túnel*: um estudo sobre a imposição da vocação sacerdotal e o processo de condicionamento nos seminários. Dissertação de Mestrado [1990:UNICAMP]

_____. Educação e condições materiais da existência: uma leitura sociológica da vocação sacerdotal. *Educere et Educare*, Revista de Educação, vol. 1, n. 2, Unioeste, Cascavel: 2006.

TAGLIAVINI, João Virgílio; SAVIGNADO, Jéferson Rodrigo Tagliavini. *Oswaldo, um católico integralista*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2005.

TAVARES DE JESUS, Antonio. *Pelos seminários da vida*: reminiscências, reflexões. Salvador/ Aracaju: Popular, 2005.

TOHT, Mons. Tihamer. *O brilho da mocidade*. Taubaté, Editora Sagrado Coração de Jesus, 1940.

_____. *O moço de caráter*. Taubaté, Editora Sagrado Coração de Jesus, 1952.

TOMELIN, Victor. *Pedagogia do silêncio, o tamanho do medo*. Campinas, Papirus, 1986.

TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. São Paulo, Ed.Max Limonad, 1985.

TRINDADE, Cônego Raymundo. *Archidiocese de Mariana*. São Paulo, Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1929.

_____. *Breve notícia dos seminários de Mariana*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1953.

TROCHU, Francis. *O Cura d'Ars*. Petrópolis, Vozes, 1960.

ZICO, Pe. José Tobias, C.M. *Caraça, Peregrinação-cultura-turismo*. Belo Horizonte, Editora São Vicente, 1982.

Outras fontes da pesquisa:

1. Regulamentos (regimento interno) dos seminários de São Carlos, Campinas, Mariana, Lavrinhas e de outros seminários.
2. Literatura básica oferecida para "leituras espirituais" no seminário, como por exemplo, *"Imitação de Cristo"*, *"Filotéia"* de S.Francisco de Salles, *"Flos Sanctorum"* de J.S.Rezende, *"A selva"* de Santo Afonso Maria de Ligório, *"Na Luz Perpétua"* e outras obras.
3. Vidas de santos mais próximos aos ideais de formação sacerdotal: São João Maria Vianey (O Cura d'Ars), São Luiz Gonzaga, São Domingos Sávio, Santa Terezinha do Menino Jesus, São Tarcísio etc.
4. Manual de orações do seminarista menor, mundialmente distribuído aos seminários; outros livros de celebrações e cantos litúrgicos.
5. Orientações da Santa Sé, da CNBB e de Bispos sobre a vida intelectual dos seminaristas, organização dos estudos, vida comunitária etc...
6. Cadernos manuscritos onde os seminaristas faziam anotações diárias sobre os temas das meditações dirigidas, palestras e retiros.
7. Correspondências enviadas ou recebidas por seminaristas.
8. Escritos de padres formados no seminário de São Carlos.
9. Autobiografias e romances de ex-padres e ex-seminaristas.
10. Coleção de jornais-murais do seminário.

11. Revistinha mensal "*O seminário*" editada em Viamão, R.S., a partir de 1935. Sanchez ALISEDA, in *Seminário*, 1 (1955), p.41
12. Periódico "*RUMOS*" da associação dos ex-padres do Brasil.
13. Livro de Atas da Obra das Vocações Sacerdotais e religiosas.
14. Textos inéditos de ex-padres.

¹ Doutorado e Pós-Doutorado em Educação, Mestre em Sociologia, Licenciado em Filosofia, Bacharel em Teologia. Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos, credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade.

² Trata-se do dia 11 de maio de 2007. Nascido em Pindamonhangaba, estado de São Paulo, em 1739 Frei Galvão entrou para um colégio Jesuíta em 1752. Com a expulsão dos jesuítas por Pombal, entrou para a Ordem Franciscana em 1760. Foi fundador do mosteiro da Luz, em São Paulo, falecendo em 23 de dezembro de 1822.

³ Um histórico do seminário menor diocesano de São Carlos foi publicado por mim na revista *Ensaísmo*, editada pelos discentes de história do Centro Universitário Central Paulista, UNICEP, São Carlos, no seu número 2, 2006, com o título: *Seminário Menor Diocesano: contribuições à história de uma instituição escolar de São Carlos*. Sobre a inculcação da vocação sacerdotal, eu publiquei um artigo na revista do programa de mestrado em educação da UNIOESTE de Cascavel, *Educere et Educare*, vol. nº 2, com o título *Educação e condições materiais da existência: uma leitura sociológica da vocação sacerdotal*.

⁴ Em regiões de difícil acesso ao ensino fundamental eram aceitas crianças com até seis anos de idade que, de batina, brincavam pelos pátios do seminário, conforme nos relata Antonio Tavares de Jesus, em obra citada na bibliografia.

⁵ João Virgílio TAGLIAVINI, *Garotos no túnel: um estudo sobre a imposição da vocação sacerdotal e o processo de condicionamento nos seminários*. Dissertação de Mestrado [1990:UNICAMP], com financiamento CAPES e FAPESP. Este artigo é uma pequena parte da dissertação.

⁶ Conforme o número de internos, nos alojamentos dos *menores*, ficavam os alunos de 5ª a 7ª séries, enquanto que os alojamentos dos *maiores* eram ocupados por alunos da 8ª série e do Colegial (ensino médio).

⁷ Padre LAGE, *O padre do diabo*, 39

⁸ Sanchez ALISEDA, in *Seminário*, 1 (1955), p.41

⁹ A quem agradeço muito pela acolhida que tive, pelo que lá aprendi e pelas amizades que fiz.

¹⁰ Seminário Menor, fundado pelo 1º bispo de Mariana, D. Frei Manuel da Cruz, em 1750, e que por dois séculos foi a grande matriz do clero mineiro, juntamente com o Colégio do Caraça. O Seminário da Boa Morte continua suas atividades até hoje, recebendo os garotos vocacionados num prédio novo, numa colina não muito distante dali. O antigo prédio colonial, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, foi cedido, em 1982, ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Ouro Preto.

¹¹ Seminário fundado por D. Helvécio e inaugurado em 1934.

¹² No frontispício, azulejos portugueses com a cena do Pastor São José, conduzindo muitos cordeiros rumo ao Vaticano; na capela, pinturas de Pedro Gentili; no vestíbulo e nos salões há grandes quadros do artista austríaco Hans Nobauer.

¹³ Lembrar que a visita foi por volta de 1988.

¹⁴ A história do Caraça começou com uma ermida colonial dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens, erguida pelo lendário e misterioso irmão Lourenço, um irmão da ordem terceira franciscana que diz a tradição, subiu a serra em 1774, fugindo da perseguição do marquês de Pombal. Desde a fundação até 1819, ano da morte do irmão Lourenço, o Caraça foi casa de romaria, lugar de retiro e de penitência. A partir de 1820, entregue por D. João VI aos Padres Lazaristas foi transformado em colégio e posteriormente em Escola Apostólica (seminário). No ano de 1968, por um acidente, o pavilhão dos alunos incendiou-se e o seminário foi transferido para o pé da Serra, na fazenda do Engenho, onde continuava funcionando, pelo menos até 1987, acolhendo cerca de 18 alunos que se deslocavam diariamente até a vizinha Barão de Cocais para cursar o 2º grau. O conjunto foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que já executou os trabalhos de restauração. Hoje o local é um centro de "peregrinação, cultura e turismo", como definia seu superior, Pe. José Tobias Zico. As informações sobre o Colégio do Caraça, eu obtive no local com o superior em 1988 e pela leitura do seu livro: *CARAÇA: Peregrinação, Cultura e Turismo*, Pe. José Tobias ZICO, C.M.

¹⁵ No lugar da antiga ermida colonial, construída pelo irmão Lourenço, foi erguida pelo Pe. Julio Clavelin e inaugurada em 1883, uma igreja gótica no centro do prédio do Colégio.

¹⁶ "Anjo" era um apelido do seminarista mais velho que deveria orientar o "novato", o "bicho".

¹⁷ Testemunho de uma ex-religiosa: *todas as noites, logo que a gente se deitava, vinha a mestre de noviças prender nossos lençóis com alfinetes.*

¹⁸ Sómente por volta do ano de 1972, foram colocados chuveiros elétricos para água quente.

¹⁹ Esse refeitório foi construído em 1951 e funcionou até 1981, quando foi inaugurado um refeitório redondo.

²⁰ Em outros seminários e conventos, há uma grande roda. Coloca-se a travessa de comida de um lado, vira-se a roda, e os internos pegam a comida do outro lado, sem verem o rosto da freira ou empregada que está na cozinha.

²¹ Essa imagem foi transladada há alguns anos e hoje está no pátio do seminário maior, em frente às salas de aula.

²² Depois de muito tempo fui observar que os santos ocupam os vitrais da frente e as santas, em número menor, os vitrais dos fundos.

²³ Transcrição *ipsis verbis*. Esse sermão foi feito no dia 1º de fevereiro de 1976, numa diocese do Estado de São Paulo.

²⁴ Ano de 1981.

²⁵ Ano de 1977

²⁶ Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, 131

²⁷ Lembramos aqui o relato de um ex-dominicano: *Havia freqüentemente no noviciado a sessão do "mea-culpa", onde cada noviço deveria confessar, prostrado, diante da comunidade todas as suas falhas.*

²⁸ Esse é o regulamento do seminário menor da Imaculada Conceição da Arquidiocese de Campinas que deve ter ficado em vigor, segundo informações de ex-seminaristas, até a década de 1970.

²⁹ Isso confere com os artigos 11 e 12 do *Regimento Interno do Seminário menor Diocesano de São Carlos*.

³⁰ Raymundo TRINDADE, *Archidiocese de Mariana*, 794, Regulamento de 1821.

³¹ Raymundo TRINDADE, *Archidiocese de Mariana*, 839, Regulamento de 1845.

³² Victor TOMELIN, *Pedagogia do silêncio*, 36-38.

³³ Trata-se do horário do Seminário de Rodeio, S.C. Nós optamos por transcrevê-lo na íntegra por retratar com muita fidelidade o modelo imposto aos seminários menores.

³⁴ Santo Afonso Maria de LIGORIO, *A Selva*, 489-498. Este livro é muito encontrado nas estantes dos padres.

³⁵ Este horário foi elaborado na década de 1950 por um padre que posteriormente foi reitor do seminário por quase uma década.

³⁶ Abreviatura de Ad Maiorem Dei Gloriam (para a maior gloria de Deus!)

³⁷ Erving GOFFMAN, *Manicômios, prisões e conventos*, 45.

³⁸ Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, 144.

³⁹ J.B. de LA SALLE, *Conduite des écoles chrétiennes*, in Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, 137.

⁴⁰ Padre Henrique de BRITO, S.D.B., *Aspirante salesiano*, 73.

⁴¹ *Regulamento de São Carlos*, 52

⁴² Aos seminaristas cabe, em geral, os serviços de manutenção da limpeza da casa e do pátio. Semanalmente há uma lista de distribuição dos trabalhos, onde se nomeiam os encarregados de limpeza dos lavatórios, dormitórios, rouparias, salas de aula e estudos, capela e outras dependências. Todas as manhãs, antes das aulas se faz uma pequena limpeza. Às quartas e sábados há limpeza geral. Nos dias de limpeza, o clima é de festa, pois se quebra a monotonia da casa. Em alguns seminários, como em São Carlos, após o ano de 1974, os alunos ajudavam a preparar a comida e lavar a louça logo após as refeições. Alguns alunos se dedicavam também ao cultivo da horta, pomar, milho, mandioca e outras pequenas tarefas. No seminário de Jacarezinho, Paraná, por exemplo, segundo um ex-aluno, os seminaristas trabalham duro na roça para sustentar o seminário.

⁴³ Todo aluno era obrigado a anotar diariamente, num caderno, uma frase, um pensamento, conclusão ou propósito tirados da meditação do dia ou das palestras de retiro. Em minhas pesquisas encontrei um padre jovem que me cedeu todos os seus cadernos, colecionados, desde a sétima-série do 1º grau até o 3º ano do curso de filosofia, portanto, 8 anos. Esses textos foram objeto de análise em minha dissertação de mestrado.

⁴⁴ Embora chamado a *pupila dos olhos do Sr. Bispo*, o seminário não mereceu sempre os melhores agentes do clero. Eram escolhidos os que mais se afinassem com a ideologia do bispo, os mais submissos e reverentes. Por outro lado, por não ter uma casa para acolher padres idosos e/ou problemáticos, eles acabam indo morar no seminário. Para tirá-los do contato direto com os fiéis, o bispo acaba nomeando para alguma

tarifa no seminário certos padres com problemas psicológicos não resolvidos. Um ex-aluno do seminário de Guérande, na França diz: *Eu diria que o bispo parecia ter selecionado os superiores do seminário pela sua incompetência ou em consideração aos seus próprios problemas psicológicos ou mentais*. In. Jean-René CHOTARD, *Seminaristes...une espèce disparue ?*, pg.81.

⁴⁵ Para não identificar o entrevistado mas, pelo menos, ter uma idéia do tempo em que ele foi formado, foi colocada a sua idade na ocasião da entrevista, lembrando que as entrevistas foram feitas no final da década de 1980.

⁴⁶ Um bispo costumava apresentar freqüentemente as contas aos seminaristas, mostrando o quanto cada um estava custando por mês para a Diocese, com a seguinte expressão: "*Meus CAROS seminaristas! Meus CARÍSSIMOS Seminaristas!*" e completava "*quando eu digo 'caríssimos' é também pelo quanto vocês custam*".